

Intelectuais feministas na imprensa brasileira

Alice Mitika Koshiyama*

Resumo

Foucault nos desafia a repensar a história que contamos e que lemos nos manuais dominantes sobre a história da imprensa no Brasil, que mal mencionam a presença de mulheres na imprensa (cf.: N.W.Sodré. *A história da imprensa no Brasil*). No entanto, elas estiveram presentes na luta pela ampliação dos direitos de cidadania desde o século XIX. A partir de 1970 foram os movimentos feministas e suas repercussões na vida acadêmica que permitiram escrever novas narrativas, novas problemáticas e explicações sobre a vida cotidiana e a imprensa (cf.: A.M. Koshiyama. Mulheres jornalistas na história da imprensa brasileira). Já encontramos algumas revisões que expuseram o discurso do poder com suas omissões, mitificações, e distorções, principalmente dissertações e teses. Atualmente, consolida-se a possibilidade de um novo olhar que organiza um novo campo de estudo sobre jornalismo e mulheres, como personagens da história do jornalismo no Brasil nas últimas décadas, a partir da perspectiva do feminismo.

Palavras-Chave: história e feminismo; jornalismo e feminismo; mulheres jornalistas-Brasil;

Resumée

Il faut raconter l'histoire des femmes journalistes au Brésil, une histoire presque inconnue, parce que il manque des recherches. Quelques femmes ont fait des actions politiques pour les droits de citoyenneté, ont écrit des textes pendant la seconde moitié de dix-neuvième siècle. Au Brésil, le journalisme forme un marché du travail après la IIème Guerre Mondiale et il ya quelques evenements remarquables a propos du travail des femmes dans la presse bresilienne. Mais dans les années 1960, la presse féminine encore employent la plupart de femmes journalistes. Après les années 1970, avec le mouvement féministe, le journalisme devient un travail des hommes et de femmes. Il a été possible faire des études dans l'académie sur la condition féminine et écrire des narrations et des histoires sur les femmes journalistes (cf.: A.M. Koshiyama. Mulheres jornalistas na história da imprensa brasileira).

Mots-clef : histoire et féminisme ; journalisme et féminisme ; femmes journalistes au Brésil.

1.Um olhar sobre o feminismo

A história contada de muitas formas, agora segmentada como história das mulheres parece insuficiente para um foco mais generoso sobre o que temos feito ao longo do tempo. Mulheres, falando de mulheres, de Joan Scott que percorre a vida de pensadoras que lutaram pela emancipação mas dependiam de parâmetros masculinos para desafiar o domínio dos homens (cf.: Joan Scott. *A cidadã paradoxal*). E Scott descreve a insistência desse fenômeno como um paradoxo presente na história das intelectuais feministas. Para se impor houve até o recurso de assumir um nome masculino, como a escritora Georges Sand.

Pesquisadora pioneira, Michelle Perrot lembra a dificuldade para propor um campo de pesquisa específico sobre o tema mulheres na história. Ela destaca as cautelas para organizar o

* Universidade de São Paulo - Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da (ECA-USP); Professora Associada

primeiro curso sobre o tema história das mulheres, em 1973. Começaram interrogativamente: “As mulheres têm uma história?”, pois faltava material teórico para fundamentar as aulas. Viviam sob o domínio do estruturalismo que via mulheres como “objetos de troca”. O terceiro motivo era a orientação da história para estudos sobre a vida pública, enquanto a história das mulheres se passava na vida privada. (entrevista a L.Greenhalg, *O Estado de S. Paulo*, Caderno ALIAS, domingo, 04/03/2007).

Descobriu-se que não havia história das mulheres porque não se pesquisava sobre o tema. Conforme nos lembra o historiador E. H. Carr, um tema passa a ter valor histórico quando os pares decidem que assim será (cf.: *Que é história?*). Ou se quisermos uma afirmação mais elegante podemos ficar com Michel de Certeau e sua constatação dos lugares sociais do historiador e seus temas (cf.: *A Escrita da História*). Como descobrir o que aconteceu sem hipóteses de pesquisa que orientem nossas observações sobre os vestígios dos atos e comportamentos femininos? A ação de militantes como Olympe de Gouges na Revolução Francesa ou das mulheres de todas as épocas nas suas vidas privadas só foram descobertas e documentos foram localizados a partir de interrogações da pesquisa histórica.

Podemos pensar o feminismo como uma ideologia básica para a construção da identidade das mulheres como seres autônomos e protagonistas de suas histórias. Pensamos nas contribuições históricas de Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo*, pioneira de muitas e internacionais leituras. No Brasil, lembramos Carmen da Silva, feminista que soube trabalhar em uma revista da grande imprensa, *Cláudia* (1963-1985) temas cruciais para o cotidiano das mulheres. Temas como o direito de cada mulher poder escolher autonomamente seu destino, ser uma protagonista de sua vida e ter acesso aos mesmos direitos de ser humano plenamente capaz. (Cf.: *Mulheres Jornalistas na Imprensa Brasileira*, paper, 2001).

Ou seja, Carmen participou das batalhas que desembocaram na Constituinte de 1988, na qual a mulher teve sua condição como ser humano com direitos iguais aos do homem reconhecida, e saiu da condição de ser relativamente capaz (estado anterior que atrelava sua vida a um homem, fosse ele pai, irmão ou marido). Se perante a Constituição a mulher conquistava igualdade, na vida cotidiana aqueles procedimentos limitadores dos direitos femininos continuavam vigorando. O acesso às profissões, discriminações, preconceitos e violências contra mulheres praticadas pelos homens de todas as posições sociais e profissionais surgiram como notícias e como temas de pesquisas. E estimularam a organização de mulheres em grupos de apoio mútuo em movimentos sociais e em organizações não governamentais.

Constatamos que as intelectuais feministas ocupam um amplo espectro de posições políticas e ideológicas, principalmente a partir da década de 1970 no mundo e no Brasil, e neste ensaio falaremos de algumas delas.

2. Intelectuais feministas no tempo presente

Há um grupo de mulheres consagradas pela mídia que hoje desfrutam o status de serem feministas históricas, participam de organizações governamentais constituídas para atuar junto a mulheres. Alguns nomes são carregados de um poder simbólico e são em verbetes de um *Dicionário de Mulheres no Brasil*.

As mulheres da elite do século vinte são destacadas artistas, jornalistas, editoras e escritoras. Integram conselhos e secretarias de estado e atuam para organizar políticas públicas relativas aos direitos de cidadania da mulher: políticos, econômicos, sociais – educação, trabalho, saúde (principalmente os relativos aos direitos sexuais e reprodutivos).

Notamos que o feminismo se difunde nos meios de comunicação pela ação de algumas intelectuais que divulgam livros, noticiam movimentos, comentam temas polêmicos e repercutem textos de feministas. Temos um trabalho que se liga à divulgação da produção literária e acadêmica, na internet, feito por Carla Rodrigues no site <http://nominimo.ig.com.br>. Nele há textos que permitem tecer relações entre o pensamento filosófico, político, religioso, social, econômico e a condição das mulheres nas sociedades.

No site Observatório da Imprensa <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/>, temos o trabalho de duas jornalistas. Lígia Martins de Almeida, semanalmente, e Cláudia Rodrigues que comentam temas ligados à condição feminina.

Temos ainda várias publicações feministas com textos acadêmicos, destacando *Estudos Feministas*, no qual são apresentados textos teóricos e estudos de casos sobre a vida das mulheres. E no jornalismo brasileiro temos a participação das mulheres como profissionais jornalistas cuja capacidade de trabalho é hoje reconhecida. Ao contrário dos tempos em que acontecia de um homem subordinado desafiar a autoridade profissional da chefia de uma mulher por ser uma mulher, e ser imediatamente demitido por Ana Arruda Callado. (cf.: Alex Criado, *Repórteres Pioneiras*)

3. Feminismo e usos práticos

Feministas defendem propostas que são para todas. Como o direito da mulher sobre o uso do seu corpo, mas há diversas proposições sobre como isso deve ser feito. É o exemplo de questões como a descriminalização do aborto. Temos mortes e seqüelas na saúde das

mulheres por aborto provocado e feito sem assistência médica adequada, devido às restrições legais. Trata-se de um problema de saúde pública de mulheres pobres, sem acesso aos médicos que operam na clandestinidade. A favor da repressão ao aborto estão grupos ligados a organizações religiosas dominantes que também condenam o controle da natalidade, como a Igreja Católica. Mas há feministas com fortes convicções religiosas – freiras inclusive -- agrupadas em entidades como as Católicas pelo Direito de Decidir <http://www.catolicasonline.org.br/> , defensoras da descriminalização do aborto, sob o risco de punições.

A questão do direito ao aborto envolve informação e mudança de valores sedimentados ao longo do tempo em nossa cultura católica. A jornalista Eliane Brum comenta sua ação no caso da liberação da interrupção da gravidez em casos de fetos anencéfalos (sem cérebro):

Em março, fiz a primeira matéria contando sobre o primeiro caso levado ao Supremo e a cruzada religiosa contra o aborto. Esse debate atravessou 2004 e esse início de 2005. É uma questão crucial para o movimento feminista, mas também é uma questão de direitos humanos, da Justiça, de toda a sociedade, na medida em que o que está em discussão é o direito de escolha das mulheres numa situação de extremo sofrimento, que é um feto inviável. E de quais mulheres? Das mulheres pobres, que dependem do sistema de saúde pública para abortar. Nesse sentido, obrigar uma mulher a levar uma gestação inviável até o fim é tão cruel como seria obrigá-la a interromper. [grifos meus] (entrevista a Thais Naldoni)

Com sua narrativa, a jornalista contribui para formar uma opinião sobre as possibilidades para as pacientes, e tornar visível o contexto em que os fatos se desenvolvem.

A preocupação em construir alternativas de sobrevivência para todas as mulheres é um trabalho das intelectuais feministas que enfrentam a questão de gênero e de classe, ao tratar do feminismo para mulheres pobres. Organizações como a SOF – Sempre Viva Organização Feminista – <http://www.sof.org.br/> trabalham o tema dos direitos da mulher a partir da necessidade de atender suas carências econômicas e sociais simultaneamente. Desenvolve um trabalho a partir da idéia de uma economia feminista com propostas de ações vinculadas à condição da mulher marginalizada do processo econômico e das decisões no âmbito familiar e social. Luta-se para a implantação de políticas públicas para as mulheres terem seus documentos pessoais de identidade, exercerem o direito a propriedade para moradia, o direito a posse da terra no desenvolvimento da agricultura familiar. Incentiva-se a luta por melhores salários, inclusive um salário mínimo maior sempre, acesso aos empregos que permitem assumir a chefia de famílias e sustentá-las. Ao mesmo tempo desenvolvem atividades que se integram aos movimentos sociais e ideológicos de construção de uma identidade feminista em relação aos direitos sexuais e reprodutivos. Há atividades conjuntas

com movimentos internacionais como a Marcha Mundial das Mulheres, que propõe uma série de ações internacionais, abrangendo economia feminista, direitos sexuais e reprodutivos e luta contra a violência contra a mulher.

A violência familiar contra as mulheres é um fenômeno secular e a luta contra ela integra a agenda permanente das lutas feministas, mas a dificuldade de erradicar o fenômeno da nossa cultura tem exigido múltiplas frentes de ação. A formação de um portal que congrega informações provenientes de pesquisa acadêmica, de organizações de prevenção, repressão e de educação contra a violência foi uma medida concreta para apoiar as mulheres que sofrem violências e em casos extremos morrem assassinadas. (Cf.: Portal Violência Contra a Mulher: <http://copodeleite.rits.org.br/apc-aa-patriciagalvao/home/index.shtml>).

A violência contra as mulheres é um fenômeno que se espalha pela sociedade e os criminosos podem ser homens de todos os níveis sócio-econômicos e de escolarização. O Portal da Violência Contra a Mulher nos mostra que há em quase todos os estados brasileiros, entidades que se dedicam a cuidar do tema violência contra mulheres em uma dimensão interdisciplinar, com visões doutrinárias e medidas de apoio concreto para as atingidas pela violência, passando pela orientação/sugestão de pautas para jornalistas interessados em escrever sobre o tema.

Há o reconhecimento do papel dos meios de comunicação na compreensão do tema violência contra a mulher pelas feministas que organizaram o Portal. E assinala a importância da violência psicológica que é cultivada pelos grupos da sociedade como fator de degradação da mulher.

4. Feminismo, jornalismo e os lugares das mulheres

No estudo da história do jornalismo podemos descobrir como repórteres ajudam a construir novos olhares sobre o que acontece. Pensamos em como reportagens podem ser meios para uma compreensão de nossa sociedade e das situações que se repetem e podem ser corrigidas na proposição de novos olhares.

Pensamos que no jornalismo, o trabalho intelectual feminista não é uma questão teórica, uma exposição de teses ou crenças, ou algo parecido com o da propaganda política de um partido. Deve haver uma competência técnica e ética para registrar a informação e contextualizá-la. Quem lê deve ser chamado a comparar o que está sendo relatado com informações já veiculadas em outros lugares, perceber o quando podia ser diferente aquilo que está sendo mostrado.

Escolhemos, pela qualidade do seu trabalho, uma das reportagens de Eliane Brum para uma reflexão sobre as práticas sociais que envolvem mulheres e comportamentos e a importância da intervenção do olhar de quem reporta:

(...) Não acredito em jornalista sem ideal. Sem ideal, as pessoas são corroídas pelo cinismo e os cínicos corroem as redações.(...) Como jornalista me vejo como uma contadora de histórias e, politicamente, escolho as histórias que vou contar. Minha prioridade é sempre ouvir quem não é escutado e dar voz a quem não tem. Se alguém seguir a trilha das minhas matérias, é isso que elas têm em comum. Hoje (...) eu vou dar a prosaica resposta de que sou jornalista porque quero mudar o mundo. Nesse sentido, seguidamente minhas matérias passam pelas questões de gênero e cruzam com o movimento feminista.(cf.:entrevista a Thaís Naldoni).

Eliane sabe materializar seu ideal em reportagens sobre pessoas, lugares, usos e costumes. Detalhista e minuciosa sobre fatos que descreve, sempre coloca o particular em um quadro maior, estabelecendo relações entre os fatos específicos e extraíndo significados de um conjunto de dados aparentemente fragmentados.

A repórter cobriu um evento que tinha como cenário a cidade de Pompéia, no Estado de São Paulo e envolvia postagem de fotos na internet. Eliane exercita diferentes olhares na reportagem, cuja personagem central é a estudante de direito Francine Favoretto de Resende, cujas fotos com dois homens circularam pelo Orkut, sob o título Uma bomba aki.

Era 11 de abril e fazia sol em Pompéia, a 470 quilômetros de São Paulo. Chamada de 'cidade-coração, por ser carinhosa e hospitaleira', a localidade abriga 18 mil habitantes em torno da igreja matriz. Naquela tarde, que parecia igual a tantas outras, uma rede invisível ia aprisionando a família. Sem que adivinhassem, centenas de pessoas - que depois se tornariam milhares e por fim milhões - espiavam pelo site de relacionamentos Orkut, na internet, uma série de fotos em que Francine, de 20 anos, aparecia nua, fazendo sexo com dois homens: Fábio Avelar, de 30, e Lincon Ferreira, de 23.

Houve 10 mil visitas para ver as fotografias e Francine concentrou as críticas, foi agredida e responsabilizada por ser mulher. Seus pais mostraram-se perplexos, sua mãe falou de uma suposta montagem das cenas e criticou a mulher que sai com homem casado. Francine disse não ter preconceitos e enfrentou a condenação moral da sociedade, perdeu o namorado e sofreu constrangimentos para transitar pela cidade e freqüentar as aulas da faculdade de direito da UNIMAR, onde colegas aos gritos a impediram de circular pela escola, o que resultou em comparecimento da polícia que teve de escoltá-la na saída.

Os homens foram ostensivamente apoiados pelos seus familiares. O mais jovem sequer pode ser entrevistado, porque seu pai o havia enviado para fora da cidade. O mais velho, casado, perdeu os empregos de projetista industrial e professor do curso de uma fundação mantido pela empresa Jacto, mas teve o apoio da família unida.

Eliane aponta a persistência de modelos de comportamentos para mulheres destinando-lhes papéis sexuais de moça de família ou prostituta. O psicanalista Mario Corso

explica a diferença no imaginário das pessoas entre a mulher fantasia -- das narrativas dos jornais, das revistas e da novela da televisão -- e a mulher real que é uma pessoa comum.

Nesta leitura da reportagem buscamos os diferentes olhares captados pela jornalista e acrescentamos nossos olhares. E ao ver a totalidade apresentada pela jornalista, percebemos a rede de preconceitos. No entanto, a matéria em si não é uma peça de defesa ou acusação contra nenhum dos personagens. Há a possibilidade de recortes parciais para outros usos, inclusive legitimar preconceitos, contra os objetivos da autora. É que as nossas crenças orientam os olhares e usamos desses parâmetros prévios para ler. Afinal, Bruna Surfistinha, personagem que narra suas proezas de prostituta em livro, foi um sucesso comercial e Francine Favoretto de Resende, uma mulher que pôs em prática algumas sugestões dela, foi reprovada pelo seu meio. O paradoxal é Bruna garantir que fez, enquanto estava na pele de prostituta (o seu nome é pseudônimo) e Francine alegar que houve montagem de fotos (é o que sua mãe queria que fosse).

Permanece o imaginário que antagoniza prostituta e moça de família, embora os atos permitidos dependam dos lugares e da privacidade ou publicidade do que se faz. O que nos lembra a história da prostituição e sua relação com os lugares sociais de homens e mulheres na sociedade, (cf: Margareth Rago. *Os prazeres da noite*).

Continua vigente o imaginário da mulher como origem das transgressões, na fala de várias mulheres, inclusive na da mãe de Francine, e na fala dos homens que reprovaram a moça mas relevaram a culpa dos homens inclusive do homem casado (o pai dele o defendeu perante a nora e achava que ele não devia perder os empregos). A empresa Jacto reconheceu a responsabilidade do homem pai de família no evento, ao demiti-lo.

Com a divulgação dos fatos na internet, um acontecimento da vida privada foi tornado público. E quem deu a dimensão pública para o fato, foi decisão dos homens que participaram do ato, mas não da mulher.

Jornalistas, intelectuais feministas, podem com seu trabalho contribuir para organizar novos olhares, mas não podem decidir como serão as leituras dos seus textos. Reportagens como os de Eliane Brum, podem ser retalhadas e usadas para reforçar posições preconceituosas. Agnes Heller nos lembra que os preconceitos não dependem necessariamente da informação disponível, do conhecimento sobre um tema, eles são pré-conceitos (in: *O cotidiano e a história*); por isso os preconceitos determinam nossos olhares sobre o que acontece no mundo e mudá-los é um projeto para mudar a sociedade.

5. Bibliografia

BRUM, Eliane. Sociedade, Edição 417 - 1/05/2006, Cenas Brasileiras, "Uma bomba aki", in: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG74145-6014-417,00.html> , acesso em 05/05/2007.

BRUM, Eliane (entrevistada por Thaís Naldoni). Jornalistas superpoderosas IV –Eliane Brum "É na rua onde o mundo acontece". Últimas Notícias - 7/3/2005 , in:– http://portalimprensa.uol.com.br/new_ultimasnoticias_data_view.asp?code=779, captado em 05/05/2007.

BASSANEZI, Carla. *Virando as Páginas, Revendo as Mulheres. (Revistas Femininas e Relações Homem-Mulher, 1945-1964)*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1996.

BEAUVOIR. Simone de. O segundo sexo. Trad. de Sergio Milliet, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980. 2 vol.

BOCCHINI, Maria Otília. "Valores Conservadores em Ana Maria e Viva Mais", In: Maria Lúcia Silveira & Nalu Faria. *Mulheres, Corpo e Saúde*, São Paulo, Cadernos Sempre Viva, 2000.

BUITONI. Dulcília. *A imprensa feminina*. São Paulo, Ática, 1986.

CALLADO, Ana Arruda. *Adalgisa Nery: muito amada e muito só.*, Rio, Relume-Dumará, 1999.

CARR, Edward Hallet. *Que é História?*, 3 a .ed., trad. Lúcia Alverga, rev. técnica de M. Y. Linhares, Rio, Paz e Terra, 1982.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1972.

CRIADO, Alex. *Repórteres pioneiras: Resgate da trajetória de três jornalistas através da História Oral*, São Paulo, ECA-USP, 2000. (dissertação de mestrado).

GUTIERREZ. Rachel. *O feminismo é um humanismo. O sentido libertário da luta da mulher*. Rio de Janeiro, Edições Antares, São Paulo, Nobel, 1985.

Dicionário Mulheres do Brasil, Rio de Janeiro, Zahar, 2000.

HELLER. Agnes. *O cotidiano e a história*. 3 ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.

KOSHIYAMA, Alice Mitika (org.). *Mulheres Jornalistas: Opções Profissionais para a Construção da Cidadania*, São Paulo, Com-Arte, 2001.

_____. *Carmen da Silva na história do jornalismo feminino e feminista*, texto do GT - História e Comunicação, 1996, Londrina, XIX Congresso da Intercom.

_____. Mulheres Jornalistas na Imprensa Brasileira, paper do XXIV Congresso da INTERCOM, Campo Grande, Mato Grosso, 2001.

PERROT, Michelle (entrevistada por Laura Greenhalg). Caçadora de memórias femininas. *O Estado de S. Paulo*, domingo, 04 de março de 2007, cad. Aliás e in (acessado em 4/05/2007):

<http://txt.estado.com.br/suplementos/ali/2007/03/04/ali-1.93.19.20070304.10.1.xml>

_____. Os Excluídos da História: Operários, Mulheres, Prisioneiros, 2 a .ed., trad. D. Bottmaner, Rio, Paz e Terra, 1988.

RAGO, Margareth. Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.

SILVA, Carmen da. Histórias híbridas de uma senhora de respeito. 2a. ed., São Paulo, Brasil, 1984.

_____. O Melhor de Carmen da Silva. Seleção de Júlia Tavares, Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1994.

SCOTT, Joan. A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem. Trad. Élvio A. Funck, Apres. Miriam P. Grossi, Ed. Mulheres, Florianópolis, 2002.

SODRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil, Rio Civilização, 1966. As edições da Graal, Rio, 1977 e da Martins Fontes, Rio, 1983 apresentam o mesmo texto de 1966.

Sites da internet:

<http://www.agende.org.br/>

<http://www.assediomoral.org>

<http://www.cfemea.org.br/>

<http://www.catolicasonline.org.br/>

<http://www.sof.org.br/>

<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/>

<http://nominimo.ig.com.br/>

Portal Violência Contra a Mulher:

<http://copodeleite.rits.org.br/apc-aa-patriciagalvao/home/index.shtml>